

Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas

Jane Paim dos Santos
Nara M. G. Bernardes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SANTOS, JP., and BERNARDES, NMG. Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas. In ZANELLA, AV., *et al.*, org. *Psicologia e práticas sociais* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. pp. 289-296. ISBN: 978-85-99662-87-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Percepção social da homossexualidade na perspectiva de gays e de lésbicas

Jane Paim dos Santos *
Nara M. G. Bernardes **

Mas, afinal de contas, é relevante esta discussão? O quê importa (ou quem se importa) se pessoas *transam* com arbustos, com legumes, com bonecos ou bonecas de plástico?

Tal colocação ocorreu em meio a um debate acerca da homossexualidade em um programa da MTV, no primeiro semestre de 1996.

Sim, o tema da homossexualidade, da afiliação amorosa por pessoas do mesmo sexo ainda é extremamente relevante. E por quê? Porque é visível e incomoda. Porque há quem olhe e, principalmente, quem não queira olhar ou, ainda, quem olhe e não veja.

Há uma infinidade de olhares: nebulosos, sombrios, hostis, desconfiados, preconceituosos, repressivos, medrosos... Há o medo do *contágio*, pois ainda é vigente a representação de que *isto* pode ser ou é perigoso.

O preconceito e a estigmatização contra pessoas com afiliação amorosa por pessoas do mesmo sexo se evidencia nos olhares, nos gestos, nas palavras (ou na falta das mesmas), no contato físico (em geral, na ausência do mesmo) de pessoas denominadas heterossexuais em relação aos denominados homossexuais.

Portanto, diante do *perigo* é prudente colocar *gays* e lésbicas dentro do *Armário* (Eve Sedgwick apud Deborah Britzman, 1995) ou, talvez, deixá-los sair do *Armário* e transferi-los para algumas *gavetas* ou estereótipos do tipo “bicha afetada”, “sapatão”, “veado”, “machorra”, “Carmem-Mirandacheia-de-abacaxi-na-cabeça”, “caminhão” (...) como uma *saída* ou, quem sabe, um alívio. Assim, caracteriza-se um confinamento da sexualidade, especialmente da homossexualidade, ao espaço privado.

* Mestranda em Psicologia Clínica da PUC-RS.

** Prof. Orientadora do Mestrado em Psicologia da PUC-RS.

A visibilidade da homossexualidade, o olhar e a estereotipia social são temas que se mostraram significativos na vivência de homens e mulheres participantes da pesquisa sobre a experiência afetivo-sexual de adultos jovens com afiliação amorosa por pessoas do mesmo sexo, que se encontra em andamento.

Essa não é uma pesquisa de cunho etiológico ou normativo. Por meio de uma abordagem de base fenomenológica (Nara Bernardes, 1991), procura compreender como se mostra o significado da experiência amorosa a partir do encontro com *gays* e lésbicas, com filhos e sem filhos, que sentem, vivenciam, significam e re-significam suas alegrias, gratificações, expectativas, frustrações, dores e perdas nas experiências de doar-se, arriscar-se e envolver-se em experiências amorosas.

A percepção da homossexualidade, tanto no espaço público como no espaço privado, agride a cultura homofóbica e heterossexista em que vivemos; autoafirmar-se como *gay* ou como lésbica é, no mínimo, um desafio ou um desacato. Gary Sanders salienta:

Ser gay ou lésbica em uma cultura homofóbica e heterossexista pode amparar um segredo sobremaneira potente e deletério. Este não é apenas um segredo sobre um fato, um evento, o acobertamento de um período de tempo, ou de um relacionamento passado, mas é o acobertamento da essência de uma pessoa, daquilo que convida esta pessoa a juntar-se à raça humana – a necessidade para afiliar-se, embora com pessoas do mesmo sexo (1994, p.242).

Conforme a autora, a homofobia diz respeito a sentimentos negativos frente a pessoas homossexuais ou diante do conhecimento de que outras pessoas são *gays* ou lésbicas. O heterossexismo se refere à crença, mantida culturalmente, de que o amor entre homens e mulheres é a única forma possível de vivenciá-lo.

Gays e lésbicas são vetados ao toque, ao olhar, ao abraço, ao beijo, à expressão genuína e espontânea do sentimento amoroso na presença de outrem, particularmente em se tratando do espaço público. Diante da pergunta: “Como o social te percebe?”, uma participante da pesquisa respondeu: “O social? O social não me percebe” e riu. Outra disse: “Eles nos olham com curiosidade (...) *nojo*, *asco*, com ódio, até. Eles (...) eles nos *expurgam*”.

Eles e elas, contudo, ousam transgredir. Com coragem e também com medo e culpa ousam declarar um amor dito proscrito, promíscuo, problemático e provocador. Se este amor intenso por outra pessoa do mesmo sexo é inaceitável para a nossa sociedade, ele se transforma em segredo que vitimiza, tiraniza, recrimina e auto-anula o sujeito em prol de uma conformidade social.

Quando ousam tentar escapar à tirania desse ocultamento, o amor homossexual assume a forma de segredo aberto. O amor, antes oculto, passa a “transitar” em meio a uma estrutura social que busca a regulamentação e a normatização da subjetividade, inclusive do desejo e do prazer.

Michael Warner descreve a heteronormatividade como uma verdadeira

(...) obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante (apud Deborah Britzman, 1995, p.8).

Podemos falar, então, em um segredo aberto, mas nem por isso aceito, visto que rompe a norma social e a concepção naturalizada do sexo e do gênero. A desigualdade e as contradições diante da visibilidade do amor homossexual e do amor heterossexual permanecem.

Deborah Britzman coloca com propriedade:

Quando se trata de questões de desejo, de amor e de afetividade, a identidade é capaz de surpreender a si mesma: de criar formas de sociabilidade, de política e de identificação que desvinculem o eu dos discursos dominantes da biologia, da natureza e da normalidade (1995, p.2).

Esta desvinculação, portanto, requer uma reflexão sobre a percepção social da homossexualidade e da identidade homossexual. O questionamento do preconceito evidente e doloroso que agride pessoas com afiliação amorosa por pessoas do mesmo sexo permanece urgente e implica, imediatamente, em mudanças de atitudes e de condutas.

O amor erótico entre pessoas do mesmo sexo existe desde a Antiguidade clássica. O termo homossexual, no entanto, surgiu na literatura em 1891 em um tratado de John Addington Symond intitulado *A Problem of Modern Ethics*, enquanto a palavra heterossexual apareceu pela primeira vez em 1901, no *Medical Dictionary* de Dorland (Gary Sanders, 1994).

O conteúdo ideológico que permeia tais termos envolve as antigas e, ao mesmo tempo, atuais discussões acerca da normalidade/anormalidade nas orientações sexuais e escolhas conjugais.

Em 1973, no DSM II (Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais), a vivência homossexual aparecia como uma categoria diagnóstica e as pesquisas clínicas enfocavam a homossexualidade como patologia. Fazia-se sua avaliação, buscando-se as causas, para proceder-se a uma reorientação de *gays* e de lésbicas no sentido de tornarem-se heterossexuais. Em 1975, Conger enfatizava a necessidade de os psicólogos tomarem consciência e implementarem iniciativas para remover o estigma de doença mental que vinha sendo associado há tanto tempo a *gays* e lésbicas (apud Esther Rothblum, 1994a). Quando, em 1980, o DSM III retirou a homossexualidade da categoria de doença mental, revistas de psicologia clínica interromperam a publicação de artigos sobre o tema e tem sido dada pouca atenção à saúde mental de *gays* e de lésbicas (Esther Rothblum, 1994a).

Este passado recente de patologização da homossexualidade ainda exerce forte influência no campo da saúde mental de mulheres e de homens, principalmente sobre aqueles que a vivenciam (Esther Rothblum, 1994b).

Em um contexto segregador, discriminatório e estigmatizante, os segredos também podem ser utilizados como proteção contra prováveis recriminações ou punições. A utilização de códigos de comunicação (na linguagem, no olhar, no gestual) servem como recurso para transitar, proteger-se, sendo quase um *colocar-se no armário*. Quanto aos segredos, Joan Laird postula:

Os segredos têm sido vistos como conspiratórios, em geral surgindo e sendo reforçados por experiências que amparam respostas tais como vergonha, culpa, humilhação e medo. São vistos como ligando a família e particularmente os membros que manifestam sintomas, de modos rígidos e disfuncionais, como mantendo paradoxos e determinados interesses de poder, restringindo a informação, e cortando o acesso a um conhecimento e mudança necessária (1994, p.246).

Em meio à preocupação com um senso de inadequação pessoal, *gays* e lésbicas se sentem forçados a fazer uma escolha: auto-afirmação (com o

risco da rejeição pessoal, do isolamento social) ou auto-anulação (manutenção do segredo, conformismo à sociedade).

Diversos autores enfatizam que a aceitação é fundamental no relacionamento com e entre *gays* e lésbicas (Gary Sanders, 1994; Jane Leserman et al., 1994). Para Gary Sanders esta aceitação

significa aceitar o direito de uma pessoa ao amor (sem grifo no original) (1994, p.230).

Quanto à não-aceitação, existem verdadeiros movimentos *anti-gay* (Gary Sanders, 1994, p.225), os quais consideram as mulheres e os homens homossexuais como pessoas inferiores, irresponsáveis, imorais, fracas, doentes e com menor capacidade para a vida. Segundo Tripp (apud Gary Sanders, 1994), os antropólogos referem que 1/3 das culturas mundiais apontam aspectos negativos sobre a homossexualidade, em especial a cultura ocidental e cristã, particularmente a norte-americana.

As expectativas e demandas sociais e familiares de nossa cultura heterossexista, na qual questões de foro íntimo (como a escolha do/a parceiro/a) podem gerar desapontamento, nojo e até, revolta, favorecem uma discriminação opressiva (consciente ou não) contra aqueles que ousam declarar seu modo de ser e de estar-no-mundo de um modo *diferente* dos demais.

Tais desafios também são enfrentados intensamente por suas famílias. A qualidade afiliativa da condição de homossexual deve ser salientada para que os familiares tenham condições de perceber a capacidade e a necessidade de amar de seus membros, respeitando seu direito de amar alguém do mesmo sexo e propiciando-lhes um lugar na família (Gary Sanders, 1994).

Além dos conflitos enfrentados em suas famílias de origem, assinalamos outra área de significativa dificuldade para *gays* e para lésbicas, qual seja, ter filhos e criá-los nas famílias que constituíram. Quando há filhos participando do relacionamento é constante a preocupação em não “chocar”, “traumatizar” ou “influenciar” o desenvolvimento da orientação afetivo-sexual das crianças e dos adolescentes. Parece que os padrões sociais convencionais em relação à família devem ser mantidos e assegurados: uma criança deve ter pai e mãe, uma figura feminina e uma figura masculina como padrões de identificação. Senão, o quê será deles e

delas? Como explicar aos filhos e às filhas que na cama do pai dorme outro homem ou que ao lado da mãe se deita outra mulher?

Sobre o futuro dessas crianças, outro questionamento: filhos e filhas de *gays* e de lésbicas serão, necessariamente, *gays* e lésbicas? Como conviver com este imponderável?

Gary Sanders (1994) enfatiza que vivendo o conflito do segredo e da revelação, encontram-se pessoas que nutrem um amor profundo. A genitalização da experiência amorosa desqualifica a vivência homossexual como afiliação amorosa, reduzindo-a a uma dimensão exclusivamente sexual-genital.

A experiência amorosa de *gays* e lésbicas pode também ser entendida na perspectiva de Viktor Frankl (1986) como profunda afeição espiritual. Além disso, o comportamento dessas pessoas pode ser visto como uma manifestação congruente com sua experiência íntima que é mais fundamental, pois se insere em sua existência humana. É, certamente, desafiador para os/as mesmos/as usufruírem de uma existência prazerosa, íntima, com privacidade, mas sem a tirania do segredo e, inclusive, lutando contra este, sendo capazes de celebrar suas diferenças e particularidades.

A própria existência é motivo de celebração e Gary Sanders faz um convite a lésbicas, *gays*, famílias e amigos:

... a celebrarem o fato de serem *gays* – isto é, serem capazes de amar, estabelecer compromissos, ter intimidade, respeito e carinho (1994, p.241).

Marta Suplicy, por sua vez, chama a atenção para a plenitude da existência quando coloca que

viver só vale a pena se for prá correr riscos, sofrer dor e gozar de prazer (1983, p.7).

No que tange à experiência amorosa de *gays* e de lésbicas, o preconceito social e, inclusive, acadêmico/científico ainda insiste em patologizar, segregar e vitimizar aqueles que querem, apenas, ter direito a um amor *diferente*.

Apesar de ter sido retirada do DSM III em 1980 (Esther Rothblum, 1994a), a homossexualidade é vista, frequentemente, como doença,

perversão, imoralidade, pecado, ameaça e, até, como crime em nossa sociedade. Mais preocupante ainda é permanecer como tal no *Manual de Diagnóstico* pessoal de profissionais da área de Psicologia.

Ouvimos histórias de riscos, de sofrimentos, de constrangimentos, mas também escutamos histórias de prazer, aceitação, solidariedade, auto-aceitação, amizade, desejo e amor intensos.

Em meio a Eros e Pathos (Aldo Carotenuto, 1994), amor e sofrimento, *gays* e lésbicas constroem sua existência, na qual antes ou além de serem *homossexuais*, são homens e mulheres que amam profunda e sinceramente. Não devem, portanto, ser obrigados a pedir desculpas ou justificar-se por AMAR.

Referências bibliográficas

BERNARDES, Nara M. G. Análise Compreensiva de Base Fenomenológica e o Estudo da Experiência Vivida de Crianças e Adultos. *Educação*, Porto Alegre, n.20, p.15-40, 1991.

BRITZMAN, Deborah P. O Que é Esta Coisa Chamada Amor?; identidade homossexual, educação e currículo. 1995. Mimeo.

CAROTENUTO, Aldo. *Eros e Pathos*; amor e sofrimento. São Paulo, Paulus, 1994.

FRANKL, Viktor Emil. O Sentido do Amor. In: *Psicoterapia e Sentido da Vida*. 2ª ed. São Paulo, Quadrante, 1986.

LAIRD, Joan. Segredos das Mulheres; os silêncios das mulheres. In: IMBER-BLACK, Evan. *Os Segredos na Família e na Terapia Familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

LESERMAN, Jane; DI SANTOSTEFANO, R; PERKINS, D. et al. Gay Identification and Psychological Health in HIV-positive and HIV-negative Gay Men. In: *Journal of Applied Social Psychology*. Pittsburgh, University of Pittsburgh, v. 24, n.24, p.2193-2208, 1994.

ROTHBLUM, Esther. Introduction to the Special Section; mental health of lesbians and gay men. In: *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, Burlington, University of Vermont, v. 62, n. 2, p.211-212, 1994a.

_____. "I Only Read About Myself on Bathroom Walls"; the need for research on the mental health of lesbians and gay men. In: *Journal of Consulting and Clinical Psychology*. Burlington, University of Vermont, v. 62, n. 2, p.213-220, 1994b.

SANDERS, Gary L. O Amor que Ousa Declarar seu Nome; do segredo à revelação nas afiliações de *gays* e lésbicas. In: IMBERBLACK, Evan. *Os Segredos na Família e na Terapia Familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

SUPLICY, Marta. *Conversando sobre Sexo*. São Paulo, Círculo do Livro, 1983.